



O Gaiato



Quinzenário • 5 de Outubro de 1991 • Ano XLVI — N.º 1241 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Autoconstrução

Mais um acto de justiça se cumpriu. Mais uma luz se acendeu numa comunidade paroquial. Tem sido um caminho longo a pôr à prova a vitalidade dum grupo de vicentinos que não se limita a dar esmolas, mas a resolver problemas de fundo que afligem alguns membros da família paroquial.

O jornal O GAIATO vai dando notícias de grandes acontecimentos que, doutro modo, ficariam esquecidos do público porque não interessam aos meios de comunicação social. Que

Mais uma luz se acendeu numa comunidade paroquial

pena! Verdadeiros tesouros escondidos saltam para a luz do dia a fim de que todos se alegrem e se decidam a fazer o mesmo.

Ninguém melhor que os membros duma comunidade devem conhecer os casos aflitivos que lá existem. Se não puderem resolvê-los todos ao mesmo tempo, nem por isso devem cruzar os

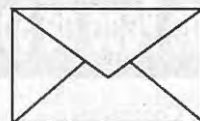
braços. Agarre-se o mais urgente e busque-se a solução. É uma verdadeira aprendizagem que abre o caminho para mais generosidade. A experiência é a grande mestra da vida. Vejamos: «Conforme vosso pedido comunicamos que a casa continua em construção, com a ajuda de algumas instituições do nosso concelho. Pretendemos acabá-la antes do Inverno, para que esta família tenha um tecto onde se abrigar quando as chuvas começarem». As grandes obras nascem duma decisão pessoal e, quando esta não chega, vem o empenhamento do grupo completá-la com outra decisão da mesma qualidade. O que antes parecia impossível realiza-se. É o dar as mãos que guarda o segredo da fecundidade da acção.

Tem-se falado muito em solidariedade. Para quem faz no dia-a-dia da vida esta experiência entende com facilidade a força da solidariedade e a riqueza do significado que a palavra encerra. Mal vai quando apenas se fala, mas não se vive. É que o testemunho convence, arrasta.

Pai Américo antes de anunciar já tinha experimentado. A Obra do Patri-

Continua na página 3

Carta de Moçambique



O trabalho está a apertar!

Tudo corre melhor do que esperávamos! Graças a Deus.

O arrumar dos papéis levou uma semana e não vai a meio. À fazenda só fomos duas vezes. Voltarei para fazer o levantamento dos edifícios e estudar o que for necessário restaurar. No entanto, a estrada é o único corredor para a África do Sul, via Suazilândia. É impressionante o trânsito daqui para Maputo! Metade, são camiões. Boa parte deles transportam lenha e passageiros que chegam a ir dependurados. Chamam «chapa cem» porque, dantes, cada passageiro pagava 100 meticais (agora já são 300). Dentro da cidade o trânsito é quase como antigamente. Nas horas de ponta formam-se grandes filas. Na maior parte, o comércio está na mão de indianos.

Vamos encontrando alguns portugueses. Pelo director dum Banco — que ainda não conheço pessoalmente — conseguimos abrir uma conta bancária e prometeu ajudar em tudo o que puder.

A «Academia do Bacalhau» — que agrupa os portugueses aqui nascidos, todos directores de grandes empresas — veio oferecer ajuda. Pedimos que juntem para a casa-mãe e nos arranjem um empreiteiro. Esperamos resolver grandes problemas com a chegada do Eng.º Brás de Oliveira: uma camioneta, água a partir da barragem e o transporte de energia eléctrica, bem como a isenção de direitos para contentores.

Continua na página 3

Tribuna de Coimbra

Cada vez nos aparecem mais filhos «órfãos» de mães!

OS ecos da Semana de Pastoral, em Fátima, sobre a prostituição na sociedade portuguesa, trouxe-nos números alarmantes a confirmar este tema doloroso que tanto nos tem feito sangrar.

Cada vez aparecem nas Casas do Gaiato mais filhos órfãos de mãe, mães vivas que andam pelas ruas de Portugal. Os últimos, que nos têm chegado, vêm todos marcados por esta orfandade.

Estou a ver os três mulatinhos que chegaram hoje. Vieram de longe. 7, 8 e 10 anos. O pai, impotente para criar os filhos, veio trazê-los com uma carga de angústia. As crianças ficaram a olhar para o pai na hora da despedida!

Na semana passada veio um e, no dia seguinte, mais três irmãos, todos de muito longe. Alguns, já adolescentes. Pouca capacidade de se orientarem na vida. Os mais velhos sem escolaridade. Caras humildes. Ansiosos por família e por futuro. Desejosos de libertação. Muitos amigos seus, acompanharam-nos até aqui.

Gostei muito da carta que trouxeram. Ei-la:

«Queridos rapazes: Um grupo de Amigos, da cidade (...), saúda-vos com muito carinho.

A vossa família vai aumentar com estes três recém-chegados. Eles são dignos de amor, de carinho e de compreensão. Ajudai-os que o Senhor vos recompensará!

Com muita admiração e gratidão, enviamos um pouco do muito que todos necessitais para que essa grande Obra se mantenha de pé.

Contai connosco!

Estamos agora mais unidos!

Se quiserem vir à nossa terra, vinde, que sereis recebidos com muita alegria.

O Senhor vos ajude.

Um grande abraço e muitos beijinhos dos vossos amiguinhos...»

Com a carta veio a quantia de setenta contos.

Pai Américo lutou sempre para que a sua Obra fosse família para os que mais dela necessitassem. Família de que todos são agentes responsabilizados. Não é para arrumar coitadinhos.

Este grupo acompanhou e comprometeu-se a acompanhar. Hoje, telefonaram. Um dos três fez catorze anos.

«Eles são dignos de amor!»

Padre Horácio

O objecto da minha paixão é dar pátria aos estrangeiros que vivem nela; dar uma lei aos deles que vivem à margem da lei; marcar lugar e pôr a mesa aos que vivem sem talher. Dentro da mesma paixão, encontrei o seu equilíbrio: se gratuitamente me fora dado o sentido dos males alheios, gratuitamente me obriguei ao trabalho de os aliviar, porquanto àqueles a quem muito se dá muito se pede.

PAI AMÉRICO



PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Continuamos a proceder à conservação das moradias do Património dos Pobres que dão tecto a 17 famílias, grande parte pessoas idosas. Vem lá o Inverno e convém não sofram o efeito das chuvas. Numa delas, porém, houve que fazer grandes obras. Não falando já da *Casa do Xai-Xai*, reconstruída, ampliada — e habitada.

É um património valioso que não podemos — nem devemos — descuidar, em relação aos Pobres, evidentemente; e, também, porque estas moradias foram a semente que deu origem às 3.500 levantadas pelas comunidades paroquiais de Norte a Sul, Regiões Autónomas e Ultramar, motivadas pela cruzada que Pai Américo empreendeu, na década de 50, sacudindo da inércia os bem-instalados, qual voz dos sem-voz, especialmente dos *abarracados*. É um *Ovo de Colombo* para todo o mundo que se disponha a arregaçar as mangas — em benefício dos Pobres — no campo da Habitação!

Apesar (e até por causa) das loas *desenvolvimentistas*, o panorama carece de medidas de fundo, concretas, que se vêm protelando; e quem mais sofre são os Pobres. Por exemplo, nem sempre têm possibilidade de pagar um arrendamento barato. Se a nível oficial incrementassem a *habitação social* com aluguéis proporcionais ao rendimento familiar — não só em zonas urbanas ou periféricas, também no interior do País — decerto o problema seria minimizado no essencial. Até porque não entendemos, hoje..., um *desenvolvimento* económico que protele — de muitas formas! — este sector fundamental.

O diagnóstico da situação é mau para a generalidade das moradias existentes! Nas zonas rurais e nas grandes urbes há grande número de fogos sem equipamentos sanitários, água ou electricidade — conclui um recente estudo. No Continente, 21,8% sem instalações sanitárias. «Ainda aqui — prossegue o trabalho que nos serve de guia — o número de habitantes que não dispõem de local para banho atinge os 41,4%, sendo de 10% o número de habitações sem água canalizada. Em números absolutos, ascende a 1,6 milhões o quantitativo de famílias sem equipamento para tomar banho. 590.000 não possuem retrete. Cerca de 773.000 vivem ou sobrevivem sem água cana-

lizada! Estes valores consideram, apenas, as famílias que possuem habitação — repetimos — e não é próximo do total existente...» Que dizer das que vivem ao luar — dos *abarracados*!?

Podemos, ainda, avançar com mais dados: 4,2% das moradias são de construção recente, posteriores a 1980; 19%, anteriores a 1945; e 25% remontam ao princípio do século.

Enfim, esse quadro testemunha boa parte das carências do País no campo da Habitação!

PARTILHA — Mil, do assinante 27527, de Viseu. Sete, e mais seis mil para «*uma velhinha necessitada, pedindo uma oração por alma de minha mãe, no aniversário do falecimento*». É presença assídua, do Fundão. Mais outra, do Porto, assinante 14493, «*pequena contribuição do mês de Setembro destinada à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus de Paço de Sousa*». Outra, ainda: «*Avó de Sintra*», com oito mil. Mais outra, de Santa Cruz do Douro: 2.500\$00. Mais 50 rands de Umbilo — África de Sul, cujo abraço retribuimos com amizade. Por fim, cheque de cinquenta contos, de Monte Gordo, «*sufragando a alma dum irmão muito querido — que acabo de perder — para ajudar a minorar o sofrimento daqueles que nada têm. Não agradeçam, pois não sou eu que dou, sim o falecido. Apenas peço orações por sua alma*». O Senhor, nosso Deus, escutou!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — A uva branca foi a primeira espécie colhida para os lagares da nossa adega. A quantidade necessária de vinho branco para consumirmos até ao próximo ano. A uva restante segue para uma firma exportadora de vinhos.

SILLO — Estão a ensilar a pastagem que servirá de alimentação ao gado durante o ano.

CARAS NOVAS — Chegaram mais rapazes: Dois de Lobito (Angola), há mais de um ano em Portugal. Dois, de Peso da Régua. Quanto aos outros, em breve saberei de onde são e como se chamam.

PISCINA — Está a acabar a época balnear. Nestes últimos dias, a rapaziada não deixa de aproveitar o máximo: mer-

gulham constantemente, jogam dentro de água às «caçadinhas» e disputam corridas de natação. É pena que o ano não tenha 12 meses de calor para praticarmos a natação que nos dá boa forma física, além de nos divertirmos muito!

CASAMENTO — O Nera (nosso companheiro) casou com a Maria do Céu. Resolveram casar na presença de todos nós (gaiatos), em nossa capela, na Missa dominical celebrada pelo nosso Padre Manuel. Depois, houve um almoço especial, no refeitório, para os convidados e a comunidade.

Foi um dia de festa para a Maria do Céu e Nera. Tenham uma vida feliz e muitos filhos, são os nossos votos.

Paulo Alexandre («Rambo»)

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Andamos a apanhar o nosso milho, em condições de recolha. Uns, com caixotes; outros, com as mãos cheias carregam o tractor para o serviço não ser demorado.

Pêras da nossa quinta.

O jeito do fotógrafo

dá à imagem,

nos seus traços,

a mesma beleza

dum artista plástico.

E tem razão:

«Longe das nossas

vistas e carregadinhas,

as árvores de fruto

são uma página viva

de pedagogia aplicada.

Quantos assaltos

a quintas e pomares

fizeram os nossos

rapazes, nos seus

tempos de moínice

— quantos!?!», remata

Pai Américo.

O calor, durante o dia, aperta, tornando o trabalho árduo. Tornámos quarenta cestos de couves na horta, atrás do campo. Agora, há que regá-las. Em princípio serão as que comeremos na ceia de Natal.

OBRAS — Na casa-mãe andam em fase de acabamentos, cimentando os pisos e colocando azulejos nos quartos de banho. Devem demorar ainda, pois falta forrar o sótão com cortiça e dar uns retoques no primeiro andar e rés-do-chão. Esperamos, ansiosamente, a conclusão da obra!

AULAS — Começou o novo ano lectivo, em nossa Casa, com a entrada, na escola, dos mais novos, nomeadamente até à quarta-classe. Um grupo dos mais velhos a estudar, à noite, tentando obter mais conhecimentos de que necessitam. Esperamos que todos aproveitem.

Para os que estudam em Coimbra as aulas principiaram no fim de Setembro.

Desejamos a todos um bom ano escolar.

António Maria

TOJAL

ESCOLA — Principiou mais um ano lectivo. Praticamente estamos todos a estudar. A maioria, de dia; e os mais velhos, que trabalham nas oficinas, à noite. Contamos, novamente, com a ajuda de um grupo de jovens universitários, praticamente já formados, que nos dão explicações nos sábados à tarde. Esperamos que todos entrem com o pé direito e, chegando ao fim, possam ter a alegria do dever cumprido.

OBRAS — Setembro foi o mês das obras! O pedreiro e o Fátima estiveram a «restaurar» os azulejos da rua principal, pois, com o tempo, têm estado a cair.

AGRICULTURA — Este ano, coisa que não acontecia, as pereiras lembraram-se de nós e deram grande fartura. O mesmo não aconteceu com as nossas uvas, por não termos conseguido consumi-las, devido à oferta de fruta que recebemos durante o Verão. Mirraram. Foi pena!

TIPOGRAFIA — Estamos com falta de trabalho! Para mais, agora, montámos uma fotocomposição, um grande investimento. Os nossos Amigos façam o favor de nos mandar trabalho, pois só com ele os nossos rapazes aprendem, tanto na tipografia como na carpintaria e serralharia.

ANIMAIS — Com tantos nascimentos, na vacaria, já não sabemos aonde pôr o gado, para alegria dos nossos vaqueiros. Os patos estão a ir por igual caminho. Virá outra ninhada e, mais dia menos dia, teremos arroz de pato.

CARAS NOVAS — Acolhemos o Tiago, aqui de perto. É de Lisboa. E o Luís, dos Olivais. Esperamos que se façam uns homens.

OFERTAS — Recebemos uma grande oferta de queijo. Repartimo-la com as nossas Casas de Miranda do Corvo e de Setúbal.

CALÇADA — Após um ano a trabalhar com pedra e mais pedra, finalmente acabou! Todos os rapazes que acompanharam os calceteiros, durante toda a sua estadia, já suspiram de alívio por não terem de andar com os carros cheios de materiais. Só com o trabalho é que se vê o fruto e, assim, a alegria da

nossa Casa ter outro aspecto. Será um Inverno sem lama!

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Pedimos desculpa por estarmos atrasados nas notícias que habitualmente damos, mas como devem ter percebido, muitos de nós temos tido férias (bem merecidas depois de um ano de trabalho) e o tempo é escasso.

Recebemos muito correio e donativos. Vou passar a falar de várias cartas, muitas de Julho.

De J. R. D., 1600\$00 e muito agradecemos a televisão que já está a uso. Fez muito jeito.

De Monte Gordo, um cheque de 2.000\$00 por alma de duas pessoas queridas. Bernardete remeteu um vale de 20.000\$00 para o leite das gémeas. É sempre bem vinda em qualquer altura. Esperamos, do fundo do coração, que esteja totalmente recuperada da operação que fez aos olhos. Deus a ajude a ficar boa depressa.

«Paz, saúde e boas férias são os meus votos. Assinante de largos anos do *Famoso*, contudo é a primeira vez que vos escrevo.» Estas são palavras de uma amiga nossa, cujo contributo é sempre bem vindo, ajuda muito, costuma dizer-se que migalhas são pão. Gostámos muito da sua cartinha. Escreva sempre D. Dolores.

Uma pequena lembrança dum senhor que tem uma filhinha de 9 anos. As pequenas ajudas tornam-se grandes e são sempre proveitosas. Os 10.000\$00 do subsídio de férias que nos enviou foram recebidos. Desejamos as melhoras da sua cunhada.

Os 5.000\$00 que uma nossa Amiga mandou para aquela mãe visitar o filho na prisão serão para isso mesmo, pois a mãe precisa de ajuda e o filho também. Tem razão, nem só de pão vive o homem. Este rapaz vai precisar de muita força para se regenerar. Não tem nada que pedir desculpa do papel, a intenção é que conta.

De Cândida, 5.000\$00. Um anónimo, 1.000\$00. Da nossa amiga, da Holanda, 7.000\$00. Muito obrigado a todos os que não se esquecem dos nossos irmãos mais necessitados.

Finalizamos a nossa pequena crónica com palavras de Pai Américo, do *Pão dos Pobres*:

«No fundo da Sopa da outra semana, pedimos roupas de fora; peças estas que, por muito uso, já caíram no reparo inteligente da boa dona-de-casa. Não que o mundo possa reparar no vestir dos teus filhos ou marido, muito menos prosápia de condição social. É única e simplesmente o sentir a responsabilidade de ter duas tónicas em casa e ser obrigado a dar uma ao vizinho que não tem nada, como ensinou o Precursor de Jesus Cristo, no limiar do Evangelho.

A força deste ensinamento tem dado notícia às consciências cristãs de todos os tempos, sobre o valor dos bens do mundo e da necessidade de os repartir, para que todos tenham um nadinha de seu e ninguém passe fome injustamente.»

Maria Germana e Augusto



PARTILHANDO

A conversão implica mudança de mentalidade

Como rio que engrossou na grande cheia e se misturou com lodos e escombros, assim estes países africanos saídos das revoluções.

Lodos que ele vai depositando nos baixios; escombros que vai deixando nos remansos. As águas vão-se clarificando; a luz começa a chegar aos fundos; as margens reverdecem e há sinais de paz na ramagem dos salgueiros.

O que nos falta para tirarmos as harpas e cantar-mos um hino ao Senhor? Se dissesse que o amor a Ele e ao próximo, estaria certo, pois do Mandamento emana toda a alegria. Vou descer, porém, ao quotidiano para vermos como as faltas contra o amor fraterno impedem os cânticos de festa.

Seja:

Numa página das notícias de ontem, um bairro aflito e em pânico atormentado durante a noite por um bando que viola, rouba e mata... Três foram linchados pelos populares e a rede está sendo perseguida.

Numa estrada, não longe da cidade, um carro foi queimado. Morreram alguns ocupantes e outros conseguiram fugir.

Há grupos de crianças sem lar, sem o aconchego da família e sem o carinho da sociedade onde vivem.

Chega!

Quase sempre a tendência de pormos o progresso, a técnica e os bens económicos à frente do amor fraterno; das nossas obrigações e respeito pelos Outros; esquecendo mesmo, que somos todos filhos do mesmo Pai que está no Céu.

Para podermos cantar todos um cântico ao Senhor temos que regressar, antes de tudo, e já, ao mesmo Senhor.

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

ASSEMBLEIA GERAL
— Nos termos dos estatutos, convoco todos os associados para reunirem na sede social, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682, Porto, no dia 28 de Outubro/91, pelas 14 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Marcar a data das eleições para o biénio 1992/93.

2.º Assuntos de interesse da Associação.

José Lemos

Custoso este regresso para os que têm tudo: Casa, jardim, carro, comodidades, amigos e bens; até, nas horas de lazer, um monopólio de comunicação social que desvia e entorpece.

Quando Ele falou no buraco da agulha, bem sabia que em suas pátrias e casas ocuparia simplesmente o pobre banco das conveniências sociais... Lugar chato! «Mas quem és Tu, afinal?» Ele nem responde.

Custoso, mesmo, ajoelhar diante do seu banco, descalçar-Lhe as sandálias e lavar-Lhe os pés... «Tu és o Senhor!»

Só a conversão. Esta implica uma mudança de mentalidade: No lugar do «banquito», o cadeirão do primeiro lugar. Ele, sempre, o primeiro dentro e fora de nós — informando todos os nossos actos.

Legiões de crianças esfomeadas

Povo bem pobre... Suas casinhas de esteiras ou de pau e capim, chão de terra batida, todas as horas, pelas plantas dos pés. Não têm cama, banco, panela nem prato, só aquela lata tão suja de pôr água no fogo.

Já conhecia o Samuel e fui com ele pelo carreiro estreito até junto da sua palhota. Não tinha «mata-bichado» e seu almoço, da esposa e filho ia ser farinha de milho com água.

A sanzala é grande e populosa — 300 crianças. Que alimentação, que vida, que futuro? Na escola ficam sentados no chão. Nem bancos, nem carteiras, nem quadro.

A criança tendo fome não gosta de ler, não; nem lhe apetece desenhar bonecos gordinhos... Antes, fica de olhar vazio escutando a professora e dizendo ao companheiro palavras sem jeito.

A criança tendo fome não sonha com papagaios de papel e histórias de coelhos brancos... Fica somente olhando o longe como aquele menino, sentado num pneu, que um dia encontrei:

— Estás doente? — Nada.
— Moras aqui? — Nada.
— Como te chamas? — Nada.

— Não tens nome, rapaz?
— Sacudi-o.
— José — respondeu-me num murmúrio.

Deixai, hoje, na vossa mesa farta um lugar vazio para o José. Vossos filhos aprenderão a partilhar...

E ficarão a conhecer que há no mundo muitas crianças sem comida.

O clamor dos Pobres faz tremer o mundo

As multinacionais são empresas grandes que tudo dominam e esmagam como lagartas de *caterpillares*... A própria água dos regatos fica turva e os arbustos verdes ficam brancos das poeiras.

Num país do centro de África, uma delas tomou todas as terras mais produtivas, afastando, habilidosamente, para os morros áridos, o povo simples e sofredor.

Nalgumas zonas do nordeste brasileiro muitas

fazendas de grandes senhores foram conquistadas a tiro e o povo simples teve que fugir diante dos fuzis.

— Nossa água fica a dois quilómetros... — fala a mãe Lourenço.

— Fome, mesmo... — fala, trémulo, o velho Tomás.

O clamor dos Pobres faz tremer o mundo e chega até Deus! Deus não vai calar-se.

Em que medida, nós os cristãos, estamos juntando a nossa voz a este clamor? Ou perdemos a voz no fofo do nosso bem-estar?!

O vento abana os arbustos e as poeiras finas trazem o cheiro de terra queimada.

Padre Telmo

Cantinho das Senhoras

Estivemos em Fátima, de 9 a 13 de Setembro, no retiro anual das senhoras da Obra da Rua, com Padre Aníbal Castelhamo.

Foi um tempo de descanso, de convivência serena e alegre. Um tempo de paragem, silêncio, onde se pôde rezar, reflectir, dialogar.

Fomos alertadas para a necessidade de opções no dia-a-dia, para não nos deixarmos arrastar pela vida. Ter tempo para o Essencial — centrarmo-nos em Deus.

Quem somos? Porque estamos aqui? Não é por

acaso, nem tão pouco somos funcionárias. Há um projecto a que procuramos ser fiéis. E isso exige busca, escuta, procura constantes que levam à acção junto dos que nos rodeiam.

Olhamos a Confiança de Maria vivida na sua vida simples: a Deus nada é impossível, o Senhor resolverá.

Vimos mais confiantes, de que somos instrumentos na mão de Alguém que nos conduz.

Teresa

Carta de Moçambique

Continuação da página 1

Podemos dizer: aqui não falta nada do que é bom, mas vem tudo de fora. Já corri todas as lojas à procura duma tábua de partir carne e não encontrei. A alimentação — peixe, carne, batata, feijão, etc. — vem de fora. Ainda não encontramos oficinas de carpintaria, serralharia, etc., embora haja indústrias a funcionar. No entanto, parece que vai haver cimento. Nos arredores da cidade há lugares que parecem jardins com alface, cenoura e cebola.

No meu tempo, só caniço; hoje, nem um palmo de terra livre!
Os Padres foram muito receptivos. As Religiosas, também.
A nossa fazenda tem uma instalação para cem vacas leiteiras, bem feita; mais um viteleiro, em cimento, como nunca vi nenhum! E um apeadeiro do caminho de ferro para embarque de gado e mercadorias. Boa metade é montanhosa. A lagoa ocupa

uns três hectares, estando, neste momento, quase seca. Portanto, não é de grande apoio. Pediremos uma conduta de rega, talvez incluída no programa seguinte à conclusão da barragem dos Libombos, cuja casa de máquinas estão a montar.

Visitámos a aldeia próxima com o Secretário da Agricultura. Marcámos lugar para uma creche, posto de saúde e igreja — também possível nos projectos integrados.

Começaram a aparecer os nossos rapazes! Por enquanto, só dois.

Tivemos um encontro com duas senhoras que trabalham na O. N. U., que procuram uma Obra específica para abandonados. Temos um grande relatório para apresentar, mas faltam muitos dados.

Fico por aqui.
Irei dizendo mais, logo que possa, mas o trabalho está a apertar!

Padre José Maria

DOCTRINA



...dentro dos verbos sofrer e pedir.

• Antigamente a Gráfica, ao largo da Feira, era o depósito certo e regular das coisas sem nome nem medida que para ali mandavas, de onde eu fazia a distribuição directa e pessoal, conforme as circunstâncias e as necessidades dos Pobres que eu esmero. Agora não. Os meus olhos pisados das lágrimas alheias e ávidos de toparem coisas de outrora, caem naquele terrível advérbio que tem matado e mata tanta gente à fome: *nada!* São horas de voltar à primeira forma, vasculhando novamente caixas, armários, baús e gavetões; não tanto para cada um se desfazer daquilo que não presta, como para remediar quem nada tem e de tudo necessita.

• Eu visito, na Alta e na Baixa, uma data de doentes sem cura; alguns casos são corpos tão fétidos que ninguém no mundo é capaz de suportar o cheiro, a não ser família por obrigação e vicentinos por amor. Nós não temos em Coimbra asilo nem hospital para doentes desta natureza. É absolutamente doloroso conhecer a vida destes pobres seres, nossos Irmãos, deixados numa situação de positivo e de cruel abandono, dependentes da migalha ocasional do visitante e do expediente do prego, num morrer triste e lento, crucificados no leito.

• A Caridade não discute formas de governo, nem administração de dinheiro, nem questões de assistência, nem critérios dos homens; ela vai direita à ferida como o tiro ao alvo e trata de curar, silenciosamente. Há-de mandar já, como fazias dantes — tudo quanto possa servir para limpar chagas e aliviar dores — que a situação do Pobre verdadeiro não lucra nem melhora com as alterações do *mapa-mundi*. Tenho a certeza de que na semana próxima hei-de levantar pacotes do antigo local, com as urgências aqui solicitadas; e que outros embrulhos serão despachados das cidades e das aldeias do País. Não, seguramente, pela confiança em mim ou nos mais, mas sim pela verdade das lágrimas dos doentes sem cura e pela esperança no Senhor dos Exércitos que manda e permite males tamanhos para deles tirar bens maiores.

• Já se liquidou o cão da Auto e da padaria e da Transmontana; outros *rafeiritos* de outras lojas com pouco se fazem calar. Para o da Sofia tenho promessa séria e segura de mil escudos e o resto vai com duas pancadas. Fica de pé o da Casa do Gaiato. Não arreganha os doentes, nem ladra, nem morde. Parece que dorme e não me deixa dormir! Ajuda-me a dormir as noites para trabalhar bem de dia e manda uma bolada para amortizar a dívida.

O. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

Mais um recado aos Assinantes d'O GAIATO

Continuamos a receber devoluções d'O GAIATO com endereços insuficientes, especialmente de localidades que têm, agora, ruas com nomes e números de polícia.

Os nossos Leitores — são mais de 50.000 Assinantes!

— nem sempre dão fé da necessidade de nos comunicarem oportunamente estas alterações e até mesmo as mudanças de domicílio. A maior parte — reconhecemos — só quando sentem fome d'O GAIATO.

Por favor, não guardem para amanhã o que pode ser feito hoje. Os distribuidores postais são rotativos e não perdoam...

Obrigado.

IGREJA — MÃE E MESTRA

Preocupada com os problemas do Mundo

Ele é um sacerdote que celebra — mais exactamente: a quem celebram — as suas bodas de ouro. Pastor, há quase tantos anos, de uma vila da diocese de Viseu que nunca deixou adormecer no marasmo a que, dos centros de decisão, o interior quase sempre foi votado, ele conserva um impressionante vigor criativo. Sobretudo porque as ideias surgem da sua atenção sobre realidades do tempo presente a pedirem reflexão que deve ser expressa, não apenas em palavras, mas em acções. E é como homem da Igreja que ele acolhe essas ideias e as alimenta, convicto do Seu carácter de Mãe preocupada com os problemas dos filhos, e do Seu carisma de Mestra que A faz devedora de comunicação desses mesmos problemas para que sejam muitos em busca de solução.

Firmado na missão da Igreja, o seu zelo pastoral não se esgotou na vertente da piedade, antes o projectou em realizações que

a fé ilumina e sustenta e que procuram responder a necessidades concretas do homem viador — sempre com uma essencial componente pedagógica que visa comprometer todos na acção, nomeadamente aqueles para quem a resposta é mais urgente. Assim se compreende que o prefixo Auto apareça constantemente nas suas iniciativas.

Ele foi o grande entusiasta e doutrinador da Autoconstrução que, em sentido mais estrito, lançou, mediante equipas em que a formação para a solidariedade andava a par com a construção de casas. E se esta modalidade se revelou difícil e nem sempre possível, nem por isso a ideia deixou de produzir esse grande movimento menos estruturado de Autoconstrução que lavra um pouco por todo o País e em que a solidariedade é sempre um valor presente, até porque indispensável.

Agora, em terra queimada pelos fogos florestais, ele aparece, em nome da Igreja dorida por um acontecimento que a todos empobrece, a sugerir um grande movimento de Autoarborização que chame recursos e associe esforços que tornem possível o

repovoamento florestal, decerto muito lento se deixado todo aos cuidados oficiais e aos interesses empresariais. Se os prejuízos atingem todos, porque não há-de todos colaborar num remédio que está ao alcance de muitos? Se uma criança é capaz de lançar fogo a uma mata, porque não há-de aproveitar-se a sua também capacidade para plantar árvores?

Mas não se fica por aqui a irrequietude do seu espírito a propósito de males que afectam o povo. Por exemplo, as mortes na estrada em que, tristemente, somos campeões europeus. Na mortalidade dos jovens, uma altíssima percentagem cabe aos acidentes de viação. Eis um problema de educação que a Igreja, Mãe e Mestra, pode assumir. E para ele, poder é dever. Por isso mesmo deitou mãos à obra. E animado pela piedade marial, sob a invocação de N. Senhora da Estrada, lançou um movimento de mentalização que procura despertar as atenções para os riscos da estrada e a consciência moral dos cidadãos para o dever de os evitar por todos os meios, seja pela consideração da

própria segurança, seja pelo respeito dos Outros.

A Igreja tem, na verdade, vocação pedagógica e capacidade para actuar também na educação cívica do povo; e não as tem exercido tanto quanto está ao Seu alcance. Trata-se de uma acção verdadeiramente espiritual. O apelo que Paulo VI nos deixou há anos: «Homens, sede homens!»; a afirmação de Pio XII ao lançar o «Movimento para um Mundo Melhor»: «É preciso transformar o mundo de animal em humano, para o poder tornar cristão» — são interpelações que fundamentam o exercício do magistério da Igreja neste sentido de humanização, sem o qual falha a formação das consciências na linha do Evangelho.

Bem haja este sacerdote — que assim pensa e age conseqüentemente — pelo seu exemplo e pela contagiante vivacidade do seu espírito, a que cinquenta anos de sacerdócio, intensamente vividos, não lograram perturbar uma perene juventude de que só Deus é o garante.

Padre Carlos

Autoconstrução

Continuação da página 1

mónio dos Pobres foi um sopro que brotou da vida. Daí a sua eficácia e a adesão que colheu em Portugal inteiro e fora de Portugal. A confiança que depositou nas comunidades paroquiais fez com que muitas delas se assumissem como as primeiras responsáveis do movimento dentro dos seus limites. A Autoconstrução veio a seguir, acompanhando, desse modo, a evolução social. O princípio que dinamiza este trabalho é o mesmo, entretanto. As entidades oficiais, a nível local, curvam-se e ajudam a acção particular quando são sensíveis, como têm obrigação, aos problemas sociais das suas gentes. Assim se completa a acção da Igreja. A carta continua: «A casa está a ser feita sob a fiscalização da Câmara Municipal do nosso concelho, por isso tem condições de habitabilidade. Para que possam fazer uma ideia mais concreta, juntamos uma fotografia. O interior está dividido em três quartos, uma sala, uma cozinha e um quarto de banho. Graças a Deus muitos destes materiais foram oferecidos, como portas e janelas, louças do quarto de banho, etc.».

Bem sabemos que o problema da habitação é de âmbito nacional. Ao Estado compete a grande solução dele, que deve ser diferente conforme as zonas onde vivem as populações. Nos meios rurais, porém, a Autoconstrução continua a ser, de momento, uma ajuda imprescindível. Oxalá encontrasse o apoio oficial que estimulasse o heroísmo de tantas famílias que têm como único capital o seu trabalho.

Padre Manuel António



A casa — dividida em três quartos, sala, cozinha e quarto de banho — está a ser feita com materiais oferecidos: portas, janelas, louças sanitárias, etc.

No domingo passado, depois da Missa e no pequeno-almoço, houve eleições.

A hora matinal é mais apta para a reflexão e, depois do banho espiritual que a Palavra de Deus nos dá, as consciências estão menos confusas e mais apuradas.

Anunciámo-las oito dias antes, para os rapazes poderem conversar uns com outros, pensar sozinhos e decidirem em conformidade com o que cada um vai adquirindo nesta família que é, agora, a sua.

Uma eleição é sempre uma grande dor de barriga: — Quem é que os rapazes vão escolher?

Habitados como estamos a confiar nos que já puxam ao carro conosco e a descansar nesta confiança, tememos sempre um novo recomeço. Já temos passado por anos muito atribulados em que os chefes não chegam a conquistar a nossa total confiança, dada a infidelidade com que desempenham o seu cargo.

É para nós — padres, senhoras e rapazes mais responsáveis — uma atitude de risco e de tremor. Seria mais seguro para a comunidade que os chefes fossem indicados pelo padre, ouvidos os mais responsáveis. Sim, parece que

Setúbal

• Eleição do Chefe-maioral

era mais seguro. Não é, no entanto, nunca foi processo educativo nas Casas do Gaiato.

A eleição é uma forma de nos desinstalar. É preciso, neste crescimento contínuo e rápido das gerações juvenis, dar oportunidade a outros, correndo todos os riscos.

A educação para a vida, em nossas Casas, desde os primórdios, assentou sempre na plena participação dos rapazes. Foi sempre democrática.

São eleitores todos os rapazes com mais de catorze anos, ensino básico e um ano de Casa. São elegíveis todos os eleitores.

Confiamos plenamente na sensatez dos rapazes. Eles não escolhem um novato e as suas decisões apontam sempre para os mais capazes, mais sérios e os mais generosos.

Ninguém como eles está no meio do bulício para distinguir o trigo do joio.

Naturalmente que a eleição precisa de ser sancionada pelo

padre responsável — o Pai. Mas muito dificilmente este deixará de exercer a confirmação. Na minha longa vida, esta nunca foi negada aos rapazes e, também, nunca me arrependi de assim proceder, apesar do sofrimento.

Numa família com mais de cento e cinquenta filhos, as eleições anuais são uma exigência necessária e imprescindível para o crescimento de todos.

O acto eleitoral revestiu-se de absoluta pureza, total participação e inigualável beleza.

Gozei extraordinariamente aquela hora. Um acontecimento destes, feito assim, é impossível que não marque profundamente cada participante. «Não há rapazes maus!» — E não. Não há!...

Freitas, Carlos Martinho e Joaquim — rapazes que já foram chefes — tomaram o comando das operações na grande sala onde se encontravam as cinco dúzias de candidatos e eleitores. Tudo na frente de todos, para que todos pudessem fiscalizar e fazer análise pessoal.

Distribuíram os boletins. Contaram os elementos. Recolheram os votos e contando-os foram escrevendo no grande quadro preto os nomes que iam surgindo, riscando à frente de cada

um os votos anunciados.

Houve quatro escrutínios. No primeiro recolheram-se os seis mais votados. Depois, e porque ninguém apurou maioria absoluta, houve necessidade de repetição, até se ficar na terceira vez pela maioria relativa.

À frente o Jorge Manuel Freitas e, a seguir, o Gil.

O Jorge tem dezoito anos. Anda no nono ano. É um rapaz bastante inteligente. Tem capacidade natural de liderança e uma larga generosidade. Precisa de apurar um pouco mais a sua consciência e amadurecer o sentido da responsabilidade.

O Gil tem dezanove anos. Anda no décimo ano. Passou por vários cargos e obrigações. Espero que seja fiel à missão que agora lhe é confiada.

Mais quatro foram eleitos. São os ajudantes, os substitutos e os animadores.

Há sete anos que o Pinheiro é meu. Veio do Montijo, de uma pocilga onde vivia com um tio adolescente. A mãe veio visitá-lo, pela primeira vez, numa destas tardes quentes de Setembro. Apesar da pouca idade, aparentava um estado de degradação humana que arripiou o menino. Queria levá-lo. Trazia consigo dois homens, também eles muito degradados. O rapaz fugiu. Veio ter comigo a chorar convulsivamente, que não queria ir com a mãe. Quando, amanhã, o Pinheiro for eleito e assumir a responsabilidade desta grande família, eu reventarei de alegria. O mundo não sabe o que avilta. Esta Obra dá-nos graças únicas!

Padre Acílio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Setembro: 73.050 exemplares